

Orquestra Gulbenkian

Pedro Neves



20 jun 23

20 jun 23 TERÇA 20:00

GRANDE AUDITÓRIO

Orquestra Gulbenkian

Pedro Neves Maestro

Luís de Freitas Branco

Paraísos artificiais

c. 14 min.

Vathek

c. 30 min.

1. Toque de Introdução –
2. Tema e Prólogo –
3. Variação I –
4. Variação II –
5. Variação III –
6. Variação IV –
7. Variação V –
8. Epílogo

Suite Alentejana n.º 1: Fandango

c. 09 min.

Figura cimeira da primeira metade do século XX, Luís de Freitas Branco (1890-1955) deixou-nos um legado musical de grande riqueza e ecletismo. A sua produção é uma referência da introdução do modernismo em Portugal, tendo o compositor revelado estar em sintonia com as diversas tendências estéticas da época, bem como as mais recentes aproximações e linguagens musicais, identificando-se inicialmente com as correntes ultrarromântica, impressionista e expressionista e, numa segunda fase, com a influência neoclássica.

Nascido no seio de uma família aristocrática, desde cedo viu valorizada a sua formação intelectual e cultural, tanto no domínio da música como no da literatura, com destaque para a influência do seu tio João de Freitas Branco (1855-1910). Estudou inicialmente com Augusto Machado, Tomás Borba e Luigi Mancinelli, e com o organista belga Desiré Pâque. Em 1910 viajou para Berlim para ter aulas com Humperdinck, seguindo em 1911 para Paris onde contactou com Debussy e estudou com Gabriel Grovlez. Este último escreveu na revista *Musica* (Junho, 1913): “Les *Mirages* de Luís de Freitas-Branco [sic] séduiront tous les artistes par leur modernisme exacerbé”. Antes das suas estadias em Berlim e Paris, já escrevera obras tão relevantes como a 1.^a Sonata para Violino e Piano, os poemas sinfónicos *Antero de Quental* e *Guerra Junqueiro*, e a trilogia de cunho simbolista *La Mort*.

Em 1913, a estreia em Lisboa do poema sinfónico *Paraísos Artificiais* (obra terminada em Berlim no ano de 1910)

foi tudo menos consensual na sua apreciação crítica. O subjacente tema do ópio, assim como a estética modernista assumida, proporcionaram uma reação pública negativa. A inspiração para a obra partira da leitura de *Les paradis artificiels* (1860), livro de Baudelaire onde o autor traduz para francês excertos do livro de Thomas Quincey, *Confessions of an Opium Eater*, que Freitas Branco terá lido quando estudou em Paris. No mesmo ano, iniciou a composição de *Vathek: Poema Sinfónico em Forma de Variações sobre um Tema Oriental*, uma das suas obras mais arrojadas. A partitura foi sujeita a profundas revisões na fase final da carreira do compositor e só viria a ser integralmente estreada postumamente, já em 1961, pela Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional. Estas duas criações trouxeram definitivamente os sinais da vanguarda à música portuguesa.

Luís de Freitas Branco passou largas temporadas na sua herdade em Reguengos de Monsaraz e considerava o Alentejo como “a sua terra de eleição”. Assim, a cultura e o folclore daquela região estão também musicalmente presentes na sua obra. Em 1919 e 1927, escreveu as duas *Suites Alentejanas*, nas quais utiliza temas do folclore alentejano. O *Fandango* é o terceiro e último andamento da *Suite n.º 1*. É, provavelmente, o trecho mais conhecido de Luís de Freitas Branco, sendo frequentemente interpretado como peça isolada.

Pedro Neves

Pedro Neves é o Diretor Artístico e Maestro Titular da Orquestra Metropolitana de Lisboa. É também Maestro Titular da Orquestra Clássica de Espinho e professor na Academia Nacional Superior de Orquestra. Colabora regularmente com a Orquestra Gulbenkian, da qual foi Maestro Convidado (2013-2018). Nasceu em Águeda e estudou violoncelo no Conservatório de Aveiro com Isabel Boiça. Foi também aluno de Paulo Gaio Lima, na Academia Nacional Superior de Orquestra, e de Marçal Cervera na Escola de Música Juan Pedro Carrero, em Barcelona. Estudou direção de orquestra, com Jean-Marc Burfin, na Academia Nacional Superior de Orquestra, onde se licenciou, e com Emílio Pomarico, em Milão. Foi Maestro Titular da Orquestra do Algarve (2011-2013) e é um convidado regular das orquestras portuguesas, tendo dirigido também a Sinfónica do Estado de São Paulo, a Sinfónica de Porto Alegre, a Filarmónica do Luxemburgo e a Real Filarmónica da Galiza. No domínio da música contemporânea, colabora com o Sond'arte Electric Ensemble, o Grupo de Música Contemporânea de Lisboa, o Remix Ensemble - Casa da Música e o Síntese Grupo de Música Contemporânea, tendo realizado digressões na Coreia do Sul e no Japão.

Orquestra Gulbenkian

Em 1962, a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente, no início constituído apenas por doze elementos e designado Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de sessenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de cerca de sessenta instrumentistas, que pode ser pontualmente expandido de acordo com os programas de concerto. Em cada temporada, apresenta-se regularmente no Grande Auditório, em colaboração com os maiores nomes do mundo da música, maestros e solistas. Atua também em diversas localidades do país, cumprindo uma importante função descentralizadora. Ao longo dos anos, foi ampliando a sua atividade internacional, tendo efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, gravou para as editoras Philips, DG, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrinx, Naive e Pentatone, entre outras, tendo esta atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais. A partir de setembro de 2023, Hannu Lintu assumirá as funções de Maestro Titular, sucedendo a Lorenzo Viotti.

MECENAS
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIO GULBENKIAN
PARA ORQUESTRA



MECENAS
CONCERTOS PARA
PIANO E ORQUESTRA



MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO



MECENAS
CICLO DE PIANO



MECENAS
ORQUESTRA GULBENKIAN



GULBENKIAN.PT

De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa é impresso em papel reciclado e certificado pela Fedrigoni.